

SANTA HILDEGARDA DE BINGEN

MONJA BENEDITINA E DOUTORA DA IGREJA (1098 – 1179)

O SER HUMANO É A SUMA OBRA REALIZADA POR DEUS

Texto traduzido com adaptações por Ana Lydia Sawaya OSB cam, a partir de palestras ministradas pela Profa. Dra. Maura Zátonyi OSB, e revisado pela palestrante.

ANTROPOLOGIA DE SANTA HILDEGARDA

Santa Hildegarda é uma personagem emblemática da Idade Média, que apresenta uma visão que congrega de modo único Deus, o ser humano e o mundo. As suas visões mostram a sua singular capacidade de explicar o mundo e a história à luz da revelação.

Hildegarda descreve o ser humano como uma unidade de corpo, razão e cinco sentidos. O agir humano acontece por meio dos cinco sentidos dirigidos pela razão. Assim, a pessoa humana se torna sapiente através do uso dos cinco sentidos, pois é a partir deles que esta percebe a realidade e pode agir de modo sábio, sapiente e inteligente.

Em seu *Testamentum propheticum* (c. 22) dirigido às suas irmãs monjas, Hildegarda resume toda a sua visão sobre o ser humano:

O Senhor criou essas duas obras, isto é, o anjo e o ser humano junto com toda criação. O anjo é espírito, mas o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, para que operasse com os cinco sentidos do seu corpo, não separado destes, mas através deles. Através dos cinco sentidos é sábio, sapiente, e inteligente para levar à realização plena a sua obra.

Graças aos cinco sentidos o ser humano é capaz de:

1. Conhecer o mundo (*cognoscit*)
2. Explicá-lo (*rationalitas narrat*)

3. Discernir (*discernit*)
4. Agir de forma responsável do ponto de vista moral (*bona et mala operatus*)

O percurso humano em direção à sapiência (para Hildegarda a principal virtude humana) é um processo holístico que inclui não apenas o intelecto, mas todos os sentidos. A existência do mundo e do próprio ser humano são percebidos, compreendidos, e depois interpretados, através de relacionamentos e relações com toda a realidade. É de todo esse processo que nasce o agir humano. Hildegarda diz que por meio das suas obras o ser humano leva a cumprimento o ato criativo de Deus no mundo. Por isso, o ser humano é o exemplo (*exemplum*) de Deus no mundo.

É uma característica única do ser humano, em relação a todas as outras criaturas, a sensibilidade que está ligada à corporeidade e a percepção dos cinco sentidos e é fundada na razão. Com essa afirmação, Hildegarda coloca um novo acento na hierarquia dos seres. Ela está convencida de que o ser humano é uma criatura privilegiada no universo e que sua condição é superior à dos anjos. Portanto, diferentemente da hierarquia platônica e neo-platônica, para a qual os anjos estão no vértice das criaturas, Hildegarda considera o ser humano como criatura completa. De forma que, por possuir um corpo, os seres humanos tem uma vantagem em relação aos anjos.

Em suas visões, de onde ela tira toda a sua compreensão sobre Deus, o ser humano e o mundo, Hildegarda sublinha que por causa da razão, se um lado, o ser humano é criado de modo semelhante aos anjos para louvar a Deus, e assim participa do mundo intelectual transcendente; por outro lado, o ser humano pode operar no mundo através da corporeidade. E consequentemente o ser humano possui a força criativa de Deus. Os anjos não possuem tal capacidade, pois estão privados do corpo. A existência humana se torna então sapiencial, através da capacidade de agir do corpo (*sapiens et sciens et intelligens*). Por isso, é no ser humano que o ser sábio atinge o ápice, pois esse é capaz de agir criativamente e operar no mundo.

TEOLOGIA CRISTOCÊNTRICA DE SANTA HILDEGARDA

Hildegarda diz que o ser humano está no centro do mundo, e representa o Filho de Deus no centro do coração de Deus. No seu livro das obras divinas (*Liber divinorum operum* I, 2, 15) ela diz:

E enfim no centro desta roda aparece uma figura humana [...]. Isto significa que na estrutura do mundo (natureza) o ser humano está como no centro, pois é mais potente do que todas as outras criaturas que vivem nele, e mesmo que modesto de estatura, é grande pela virtude da alma. Tendo, de fato, a capacidade de mover a cabeça para o alto e os pés para o chão, para baixo, consegue atingir, seja os elementos superiores como aqueles inferiores e pode penetrar nesses com as atividades das mãos à direita e à esquerda, porque na força interior do ser humano reside esta potência operativa.

A primeira experiência do ser humano no mundo é aquela de ser capaz de agir. O ser humano se considera sujeito ativo de todas as suas ações. É capaz de ver, sentir, conhecer e agir. Possui a força, a potência para operar, entendida como a capacidade de modelar o mundo, de organizar a própria vida e de estabelecer a própria existência. Esta concepção reflete a experiência espontânea e natural do ser humano.

Uma reflexão mais aprofundada, todavia, revela que tal operação humana conduz ao conhecimento do agir de Deus nas criaturas; pois através da ação humana, Deus se faz ver, sentir e conhecer e pode ser experimentado, ou seja, o ser humano é aquele que recebeu a capacidade de revelar a presença de Deus.

O ser humano foi criado imagem e semelhança de Deus. O que implica que todas as suas ações refletem a sua origem divina. Ele, portanto, torna-se o meio, o trâmite, através do qual o Deus invisível torna-se visível no centro do universo.

Hildegarda continua a explicar (*Liber divinorum operum* III, 4, 9):

Mas quando Deus criou o céu e a terra colocou no centro desta o ser humano, para que fosse o seu senhor e os comandasse; este centro é como o centro segundo o qual o Filho de Deus está no centro do coração do Pai.

Hildegarda considera o ser humano no centro do mundo correspondente à imagem do Deus trino onde se encontra o Verbo no centro, a segunda pessoa da Trindade. Ela diz em seu primeiro livro *Liber Scivias* (que traduzido significa “O Livro dos Sinais ao Longo do Caminho”): “Então vi uma brilhante luz, e nesta luz, a figura de um homem da cor de uma safira, a qual estava toda inflamada por um suave fogo ardente (II, segunda visão)”¹. Esta é a visão da Trindade. Portanto, na visão do mundo de Hildegarda o antropocentrismo se baseia no cristocentrismo.

A medida e a finalidade do ser humano, da existência humana, é então imitar a Cristo, isto é o Verbo de Deus que se encarna. O ser humano é convidado a “com-formar-se”, adquirir a mesma forma de Cristo, para atingir a realização plena da sua existência e a sua felicidade. Para Hildegarda, todos os problemas humanos surgiram quando os seres humanos esqueceram de Deus (*oblivium Dei*), porque o ser humano é um mediador harmônico do mundo e não o dominador. Hildegarda chama de *viriditas* a força que emana de Deus e que permite ao ser humano ser esse mediador, em comunhão com Ele.

O CAMINHO QUE NOS TORNA CAPAZES DE ACOLHER A FORÇA VITAL *Viriditas* QUE GERA VIDA, ESPERANÇA E PAZ

Viriditas é uma palavra em latim que tem um significado, como acontece nas línguas antigas, que expressa toda uma realidade, possui um sentido múltiplo, e descreve uma experiência. Literalmente *viriditas* significa tudo aquilo que é verde: verdura, verdor, mas também vitalidade, algo que floresce.

Para Hildegarda, *viriditas* vai além desse significado relacionado ao que é verde e vivo. *Viriditas* representa, pois, a FORÇA VITAL, A ENERGIA CRIATIVA DE DEUS PRESENTE EM TODA A NATUREZA E EM TODOS OS SERES VIVOS. *Viriditas* é uma força cujo frescor e exuberância se traduz em uma capacidade de renovação e cura. Hildegarda emprega esse termo (que por isso decidimos não traduzir) para expressar a manifestação da própria natureza divina. Um poder que impulsiona o crescimento e a vitalidade tanto do mundo natural quanto do interior do ser humano.

¹ Bingen, Hildegarda de. *O Redentor e a Redenção. A Trindade*, In: *Scivias*, ed. Paulus, São Paulo, 2021, p.233. (de acordo com o nosso conhecimento, o único dos três livros de Hildegarda publicado no Brasil).

Na carta considerada o testamento espiritual de Santa Hildegarda, o já citado *Testamentum propheticum*, ela escreve à sua comunidade monástica (c. 15):

Tudo aquilo do qual o homem foge por medo, para não ser ferido, contribui para que ele ponha sua confiança em Deus. Se o homem conhecesse só o que é agradável e benéfico para ele, não saberia o que é e o que significa. Eis porque o homem adquire o conhecimento mais elevado sob o peso da dureza que deriva daquilo que é danoso. Se, de fato, o homem conhecesse só o bem das coisas a obra de Deus não seria perfeita nele.

Com essas palavras, Hildegarda explica que tudo aquilo pelo qual nos preocupamos, que consideramos ameaças, perigos ou mesmo crises são uma possibilidade para nos fazer crescer em um conhecimento existencial. Esta é uma mensagem que nos liberta. Depende de nós como reagir às crises, às feridas, às aflições, às decepções, às injustiças. De um lado podemos responder distraindo-nos, o que acaba por nos colocar sempre mais submersos e enredados na amargura. De outro, podemos considerar todas as dificuldades como uma oportunidade diante da qual decidimos nos empenhar em um processo de aprendizagem.

Segundo Hildegarda, o caminho para gerenciar os desafios se desenvolve através da FORÇA VITAL QUE FAZ NASCER A PAZ. Que como dissemos, ela chama de *viriditas*. É uma aprendizagem, isto é, um processo de crescimento espiritual. Ela diz “na plena *viriditas* da verdade brota a paz” (*Scivias*, III, sexta visão, c. 32)²

Esse processo de aprendizagem é constituído por TRÊS MOMENTOS:

1. Dar sentido à realidade, deixar brotar o sentido da realidade.
2. Buscar com autenticidade a verdade, agir com viridicidade³.
3. Chegamos à viridicidade plena quando nos abrimos à dimensão transcendente da existência.

² Bingen, Hildegarda de. *O muro de Pedra da Antiga Lei. A Paz e a sua aparência*, In: *Scivias*, ed. Paulus, São Paulo, 2021, p. 582.

³ Viridicidade palavra proveniente do latim, sendo a compreensão mais próxima a expressão “a força vital da verdade divina”. (Nota da tradutora)

No final desse processo se chega à paz. A meta é um crescimento espiritual através da *viriditas* que leva à paz. Ao mesmo tempo, esse processo exige a capacidade de enfrentar as dificuldades, de confrontar-se com a realidade e o outro; inclui a necessidade de mudar de posição e de perspectiva; e pede a conversão, o diálogo, a colaboração e a cooperação. Por isso, a *viriditas* que conduz à paz se desenvolve através de diversas formas de comunicação.

Como acontece o crescimento espiritual através da *viriditas*?

Primeiro momento: Deixar brotar o sentido da realidade

É interessante que Hildegarda use o verbo brotar para esse crescimento, pois brotar é algo que não manipulamos, mas assistimos acontecer. Ficamos atentos para ver a realidade aparecer, à medida que se sucedem os acontecimentos. Hildegarda é realista e afirma que o processo de *viriditas* não acontece em um salto. Ela diz que não vencemos as dificuldades, as crises, as tensões, em um salto, mas é um processo e exige que aceitemos a realidade como ela se mostrar.

Os processos de crescimento segundo as leis da natureza são os mesmos que agem no crescimento espiritual. É preciso, então, passar pelo 1º momento que é o deixar a realidade brotar. Hildegarda ilustra essa obrigação para com a realidade em uma visão na sua última obra teológica intitulada “O Livro das Obras de Deus”. Vê uma fonte de água dentro da qual estavam em pé duas figuras, enquanto uma terceira figura se encontrava fora da água em pé sobre uma pedra. (cf. *Liber divinorum operum*, III, terceira visão)

Hildegarda desenvolve a sua teologia sempre através de imagens, não como um tratado, mas com imagens e visões. É por meio dessas imagens que se deve descobrir o núcleo da sua mensagem.

Essas três figuras representam a caridade, a humildade e a paz. A caridade e a humildade estão em pé na fonte de água porque subsistem na divindade puríssima da qual provêm, e é desta que escorrem os rios das bem-aventuranças. Em consequência, a caridade e a humildade fazem parte da essência de Deus. Em outro lugar, Hildegarda descreve que a humildade e a caridade fazem parte da Trindade e estão no seio de Maria. Para ela, a caridade e a humildade são a essência de Deus e é delas que vem a Encarnação. Portanto, a humildade e a caridade pertencem a Deus diretamente.

A paz, ao invés, é do reino terreno, e por isso está fora da água, sobre uma pedra. Por que sobre uma pedra? Porque a paz defende também aquelas realidades terrenas que

são externas àquelas celestes. Segundo Hildegarda, as realidades terrenas são caracterizadas por múltiplas mudanças e oscilações de uma parte à outra. Ela usa o termo em latim *vicicitude*, de onde advém a palavra vicissitude, ou seja, tudo aquilo que diz respeito à nossa existência. A nossa existência é marcada por vicissitudes.

Nas obras de Hildegarda, a palavra vicissitude expressa tudo aquilo que provoca medo na pessoa e tensão entre as pessoas, ou em uma comunidade, seja aquela religiosa, como a de uma sociedade. Somos obrigados a enfrentar e plasmar junto com outras pessoas a realidade terrena, e ao fazê-lo, nos encontramos diante de interesses diversos, opiniões diferentes e temperamentos diversos. As tensões são inevitáveis, mas não são as tensões que bloqueiam o processo de *viriditas*, ao contrário, ignorar as tensões é o que impede de crescer e chegar à paz.

Nós cristãos tentamos muitas vezes harmonizar tudo, e deste modo queremos eliminar todas as tensões para criar a paz. É exatamente esta atitude que está errada no processo espiritual. Hildegarda trata dessa questão em profundidade em *Scivias* (III, sexta visão)⁴. Ali ela retrata a paz em uma forma personificada (*A paz e sua aparência*). A paz possui duas asas, uma de cada lado. Uma asa chega do céu e diz: “eu me oponho ao combate diabólico que se erige contra mim”⁵. Enquanto o diabo está dizendo: “não posso suportar nenhuma tribulação. Quero me distanciar de tudo aquilo que me é contrário”. É a voz diabólica que não quer tribulação. Estas palavras exprimem a tentação de uma mentalidade que quer se subtrair ao confronto.

O primeiro passo em nosso processo de aprendizagem em direção à plena *viriditas*, portanto, é aquele em que percebemos, conscientemente, as tensões e as enfrentamos. Como isso se realiza dentro dos problemas atuais, por exemplo, dos conflitos religiosos? Hoje se fala muito em diálogo interreligioso, mas o que é preciso é um CONFRONTO CONSTRUTIVO. Não ajuda dizer simplesmente: “somos todos irmãos e irmãs, amamo-nos uns aos outros”. Pois é necessário um debate sério e profundo no qual os problemas sejam enfrentados abertamente, e isto vale para todos os setores da nossa vida e comunidade.

Assim, a primeira forma de comunicação que cresce na força da *viriditas* é o CONFRONTO CONSTRUTIVO. É segundo a lei natural; a qual devemos acolher na sua verdade. Um confronto construtivo é positivo somente se nos empenharmos a procurar a

⁴ Bingen, Hildegarda de. *A História da Salvação Simbolizada Por Um Edifício, O Muro de Pedra da Antiga Lei*, In: *Scivias*, ed. Paulus, São Paulo, 2021, pp. 559-588.

⁵ Idem, Cf. p. 562. (adaptamos a tradução a partir da conferência da palestrante)

verdade e a viridicidade. Este empenho nos leva ao segundo momento do processo de *viriditas*.

Segundo momento: Buscar com autenticidade a verdade

Para Hildegarda, é fundamental o nexo entre *viriditas* e verdade. Na imagem, em *Scivias*, a paz personificada não está sozinha, mas junto com outras virtudes personificadas. Ao lado da paz se encontra a virtude da verdade. As tensões podem ser enfrentadas e resolvidas de modo construtivo somente se todas as partes envolvidas se empenham em buscar a verdade.

Há dois modos para perder a verdade:

1. Fechar os olhos diante dos problemas.
2. Quando as tensões e crise se agravam a tal ponto que se tornam acusações injustas e situações desesperadas. Nesse caso, não se trata mais de confronto construtivo, mas de uma agressão destrutiva. Se nos deixarmos dominar pelo insulto e pela agressão, ou pelo desespero, perdemos a construtividade.

Mas como podemos enfrentar as crises e as tensões em modo construtivo? Se nós percebermos o problema na sua verdadeira natureza, isto é, se avançarmos até chegar à base do problema.

Cumprimos um passo essencial na direção da paz se formos capazes de articular ou dar um nome aos problemas. Ao expressar e comunicar os problemas com verdade, podemos transformá-los em questões abertas. Pois OS PROBLEMAS SÃO QUESTÕES ABERTAS.

Pe. Ermes Ronchi, em seu livro “As Inquietantes Perguntas do Evangelho” (Paulus, Portugal), conta um dito hebraico que diz que no princípio Deus criou o ponto de interrogação e o colocou no coração do ser humano. Nós somos criaturas que se põem perguntas sempre e vivem buscando a resposta, pois somos criaturas de desejos. A pergunta é a comunicação não violenta que não faz o outro calar, mas se lança ao diálogo, envolve o interlocutor e, ao mesmo tempo, o deixa livre. As perguntas contêm tesouros, abrem revelações.

É preciso estar na escuta de um Deus de perguntas, que faz perguntas. Não se trata de interrogar o Senhor, mas de deixar-se interrogar por Ele. O caminho não é feito pela nossa resposta, mas pelas questões que o Senhor coloca em nossa vida através da sua

Palavra. Em vez de correr imediatamente para buscar a respostas, é preciso parar e viver bem a questão, a interrogação.

Os problemas, portanto, são questões abertas e porque são perguntas abertas, já começam a ser revelação. Em suma, com paciência podemos sustentar as questões, e com perseverança, fantasia e coragem podemos estar abertos para acolher, no final, uma resposta às questões presentes. Fazendo assim REPENSAMOS a situação pesada e descobrimos novas perspectivas. Hildegarda está convencida de que o Espírito Santo vem em nossa ajuda e está presente em nosso pedido de resposta.

Hildegarda em *Scivias* faz a seguinte consideração (*Scivias*, I, sexta visão, c. 4)⁶

As pessoas tem dentro de si mesmas lutas de confissão e de negação. Como? Porque este aqui me confessa, e aquele outro me nega. E nesta luta a questão é: há um Deus ou não? E a resposta vem do Espírito Santo que habita na pessoa: Deus é aquele que te criou, mas também aquele que te redimiu. Contudo, enquanto essa questão e a resposta estiverem presentes em uma pessoa, a força de Deus não a deixará porque essa questão e a sua resposta trazem consigo a penitência. Mas quando esta pergunta não estiver na pessoa, não há também a resposta do Espírito Santo. Tal pessoa afasta de si mesma o dom de Deus e pela falta do interrogar-se que leva à penitência, se joga sozinho no bátrio da morte. São as virtudes que oferecem a Deus a luta nesta guerra, pois elas são sinais diante de Deus que mostram com qual intenção Deus é adorado ou recusado.

Enquanto a pergunta ou questão existencial e a busca de resposta estiverem presentes em uma pessoa, a potência de Deus não a abandonará, porque seja a pergunta como a resposta são inerentes a um repensamento. Mas quando não estiverem presentes, não haverá resposta do Espírito Santo. Portanto, se não temos uma solução é nossa culpa. Pois se não há em nós a pergunta, estamos efetivamente fechados para o dom de Deus e não estamos dispostos a se questionar e a repensar.

Estas considerações deixam claro que para enfrentar os problemas em modo construtivo é necessária uma investigação para buscar soluções criativas. Hildegarda usa

⁶ Bingen, Hildegarda de. *Os coros dos Anjos. A Respeito da Aparência das Virtudes e seu Significado*, In: *Scivias*, ed. Paulus, São Paulo, 2021, p. 208. (adaptamos a tradução a partir da conferência da palestrante)

a este ponto dois termos: *excambio* e *conversatio* (*conversatio* em latim engloba seja o sentido de conversação, comunicação, como de conversão). Esta é, portanto, a segunda forma de comunicação que cresce na força da *viriditas*, e pede, seja a conversão como o repensamento. A força da *viriditas* leva-nos a crescer para além da nossa capacidade e da nossa fantasia abrindo-nos às surpresas de Deus.

A figura personificada da paz que como um pássaro tem asas dos dois lados simboliza, para Hildegarda, de um lado as circunstâncias tranquilas e calmas e de outro as circunstâncias tempestuosas e turbulentas. A imagem significa que as circunstâncias adversas não trazem medo e amargura à paz para quem tende em direção a Deus porque o alcança na harmonia das duas asas, seja nas situações tempestuosas como naquelas tranquilas. Há um dinamismo forte nessa imagem, uma abertura existencial verso o além, ao transcendente, a Deus que oferece sempre surpresas.

Terceiro momento: viridicidade plena, abertura à dimensão transcendente da existência

Hildegarda pensa no ser humano de modo grande, sublime. Explica que nós, seres humanos, temos uma faculdade inata que nos torna capazes de abrir-nos à transcendência. Ela chama essa capacidade de racionalidade. A concepção de razão de Hildegarda não tem nada a ver com o conceito pós-iluminista de racionalidade. Para ela a racionalidade é a nossa capacidade de Deus. A realização mais nobre da nossa racionalidade consiste no abrimo-nos à nossa dimensão transcendente, e esta relação com o transcendente é a nossa fé.

Para compreender essa concepção do ser humano é necessário retomar a segunda obra visionária de Hildegarda “O Livro dos Méritos da Vida”. Há ali uma representação de um homem que transcende o universo e que representa Deus na sua *viriditas* plena. Ele é a origem de toda força vital. Dele provêm toda a existência, a vida. (cf. *Liber vitae meritorum* I)

VIR em latim significa homem e VIRTUS virtude. Assim a palavra *viriditas* carrega também no seu significado pleno não apenas o ser humano, mas também o ser humano pleno, virtuoso em quem se realiza toda a força do bem. Dele nasce a força que tudo faz crescer e compreende todos os âmbitos do ser. A *viriditas* plena é uma energia que primeiro produz a vida no mundo vegetal, a força verde, e faz crescer a verdura, as árvores, as flores. As pessoas se encantam no primeiro olhar. Veem o verde, sentem o

perfume da primavera, acariciam uma folha, saboreiam as verduras da horta, e se são bastante sensíveis, sentem como a grama cresce.

Hildegarda transfere esta experiência do mundo natural para a vida humana, enquanto vê a vida virtuosa como radicada na *viriditas*. Aqueles que alcançam a força vital interior, produzem verde fresco; as suas ações e as suas obras emanam um perfume bom. Como a natureza cresce através da *viriditas*, assim a vida boa cresce no ser humano através da *viriditas* e adquire uma dimensão ética. Na *viriditas* plena, da verdade brota a paz.

O termo *viriditas* torna compreensível que na vida virtuosa do ser humano se desenvolvem processos de crescimento espiritual que seguem, em modo análogo, às leis da natureza e ao mesmo tempo pedem a atenta colaboração do ser humano, seus esforços e sua obrigação de agir de modo moralmente responsável.

Depois Hildegarda alarga o horizonte de significado da palavra *viriditas* e a usa no contexto da obra da graça de Deus, ligando o mistério maior de Deus, a sua encarnação, com a *viriditas*. A *viriditas* operou na concepção do Filho de Deus no ventre de Maria – momento incompreensível no qual Deus se fez homem. Nesse sentido, a *viriditas* é a potência de Deus que faz nascer o autor da vida na existência humana.

Hildegarda torna claro o sentido que dá ao termo *viriditas* quando o escolhe para descrever a Encarnação. A vida divina une a natureza, a cultura e a graça. Deus é a vida por excelência. Nele e por ele o ser humano é capaz de realizar coisas boas. Nele e por ele se realiza a união de Deus com o ser humano em Jesus Cristo, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação.

Portanto, quando Hildegarda descreve que a paz brota da plena *viriditas* deixa claro que a paz não é nossa obra, mas um fruto que cresce de Deus e brota na plena *viriditas*. Assim, a paz não é uma obra nossa, mas uma graça. Todavia esse fruto pode crescer e amadurecer somente se o ser humano cooperar. A *conversatio*, a segunda forma de comunicação, serve para a *cooperatio*, a forma de comunicação seguinte.

A cooperação entre Deus e o ser humano é possível. Esta é uma grande mensagem de Hildegarda. Esta cooperação é possível, de um lado, graças à racionalidade do ser humano, pois a racionalidade torna o ser humano capaz de Deus, e de outro, porque o ser humano pode continuar a obra da criação de Deus no mundo através de seu corpo.

É muito interessante: Hildegarda está convencida de que o ser humano está acima dos anjos porque tem também um corpo e pode continuar a obra criativa de Deus no mundo, os anjos não são capazes disso (*Liber vitae meritorum*, V, 77):

Como Deus é louvado pelos anjos e neste louvor se conhecem as suas obras, pois fazem soar a sua sinfonia com todas as vozes de louvor, e este é o cômputo dado a eles, assim Deus deve ser louvado também pelo homem, pois o homem se manifesta sob dois aspectos: louva a Deus e mostra as suas boas obras. Através do louvor do homem Deus é conhecido e através das boas obras se observam, no homem, os milagres de Deus. De fato, o homem pelo louvor é angélico e pelas santas obras é humano. Ele é a suma obra realizada por Deus (*plenus opus dei*) dado que por meio do louvor e pelas obras se realizam nele todos os milagres de Deus.

Hildegarda diz que o ser humano é pleno, não perfeito. Não somos perfeitos, mas um ser pleno. Na sua existência racional-corpórea o ser humano corresponde à potência criativa de Deus, à sua *viriditas*. Deste modo, o ser humano pode literalmente dar ao mundo a paz de Deus.

Nas imagens da visão de Hildegarda, a paz aparece, seja no *Scivias* como no livro das Obras Divinas, com um rosto esplendente. Com essa imagem Hildegarda exprime a forma perfeita de um ser humano (*Scivias*, I, segunda visão, c.31)⁷

Assim, a humanidade, tendo sido libertada, brilha em Deus, e Deus na humanidade. Em comunhão com Deus, a humanidade, de fato, possui um esplendor mais luminoso do que possuía antes no céu, e isto não teria acontecido se o Filho de Deus não tivesse assumido a carne.

O homem resplende em Deus e Deus resplende no homem. Vemos o processo de crescimento na *viriditas*, que culmina em perfeita comunicação, isto é, em comunhão, em uma verdadeira comunidade: o ser humano em Deus e Deus no ser humano. A paz que cresceu e amadureceu da *viriditas* cria uma verdadeira comunidade que reforça a comunhão. Se permitirmos à *viriditas* agir na nossa vida, Deus se alegra do florescimento que nela acontece.

⁷ Bingen, Hildegarda de. *A criação e a queda. A humanidade, agora, brilha mais intensamente no céu do que antes*, In: *Scivias*, ed. Paulus, São Paulo, 2021, pp. 131-132. (adaptamos a tradução a partir da conferência da palestrante)

Profa. Dra. Maura Zátanyi OSB é monja beneditina, professora do Pontifício Ateneo Sant'Anselmo de Roma e responsável pela redação dos documentos teológicos para canonização formal de Hildegarda de Bingen e pela sua proclamação como doutora da Igreja - *Positio super canonizatione ac ecclesiae doctoratu*. É presidente da Academia de Santa Hildegarda Eibingen junto à Abadia de Santa Hildegarda, Alemanha.

HILDEGARDA DE BINGEN FOI PROCLAMADA SANTA E DOUTORA DA IGREJA UNIVERSAL EM
2012 PELO PAPA BENTO XVI.

Texto apresentado por ocasião da inauguração do Salão Santa Hildegarda de Bingen, no Mosteiro da Encarnação, monjas beneditinas camaldolenses, Mogi das Cruzes, SP, no dia 2 de agosto de 2025.